

MEMÓRIA É LUTA

Em seu famoso romance **1984** o escritor inglês George Orwell (Eric Blair 1903-1950) descreve um futuro imaginário em que o planeta estaria dividido entre três superditaduras em guerra constante entre si, fazendo e desfazendo alianças. Em uma delas vive o protagonista do livro, Winston Smith, funcionário de um dos quatro superministérios que são os pilares do regime, o ministério da verdade, encarregado de criar e propagar toda e qualquer mentira que se faça necessária para a justificação do sistema do “Grande Irmão”, como é chamado o ditador. A tarefa básica de Smith no ministério consiste em reescrever os jornais, que são novamente impressos e colocados nos arquivos para que nenhuma pesquisa posterior dos fatos históricos vá de encontro às “verdades” ditadas pelo “Grande Irmão” e seu partido totalitário.

A história de Orwell constitui uma interessante transposição para a ficção do que realmente ocorreu ao longo da História, em que esta é sempre escrita pelo Estado e/ou pelas classes dominantes, que procuram afastar de foco movimentos ou individualidades que por suas ações e pensamentos chegaram a colocar em xeque o *status quo* e mostrar caminhos que verdadeiramente conduzem à libertação humana.

Deste processo foram e são vítimas o anarquismo e os anarquistas. Movimento que há mais de século prega e pratica a ação direta e que combate não só a exploração do homem pelo homem mas vai muito além mostrando a raiz das doenças sociais na dominação do homem pelo homem, sua forte presença até determinado momento histórico causou apreensão em autoridades, patrões e em todos aqueles poucos que se pretendiam donos do mundo em detrimento de muitos a quem só cabia trabalhar duro para maior glória dos parasitas. A repressão, por maior que fosse, parecia nunca dar fim a este espírito de revolta produto do desejo de que todos fossem agentes da história (essência maior do anarquismo). A solução para os dominadores foi colocar, ao lado do aprimoramento da velha repressão, o discurso falso, feito por seus agentes disfarçados, de ganhos fáceis, de direitos a serem adquiridos por legisladores messiânicos para o povo desde que ele se “comportasse bem” para com chefes e patrões e soubesse prestigiar e recompensar tais “benfeitores”.

Por outro lado a partir do desvirtuamento da revolução libertária ocorrida na Rússia em 1917, com a tomada do aparelho estatal pelo marxismo-leninismo, é realizado o expurgo sangrento contra os anarquistas daquele país e do mundo inteiro. Paralelamente, é criada uma barragem de cultura e propaganda em todo o mundo para que sua presença seja minimizada ou mesmo esquecida. No Brasil não foi diferente. Aqui, como em muitos outros países, os anarquistas foram objeto das mesmas práticas, que a nível de militância culminaram no Rio de Janeiro

com o assassinato do operário Antonino Dominguez quando membros da chamada “Tcheka” atiraram sobre militantes libertários no Sindicato dos Gráficos em 1928. No transcurso das décadas seguintes uma historiografia oficial simplesmente os “esqueceu” e outra, de cunho marxista, considerou que o anarquismo apenas refletia uma época de organização primária e ineficaz do proletariado que só a partir de 1922, com a fundação do partido comunista, teria encontrado seus verdadeiros guias e condutores.

Mas felizmente, ao contrário da ficção imaginada por Orwell, no caso do Brasil e do mundo muitos das fontes que demonstram o papel que os anarquistas sempre desempenharam em meio às lutas sociais com sua metodologia de ação direta e sua ética a demonstrar que “os meios são os fins” foram preservados. Documentos como a Seção Trabalhista do jornal *A Pátria* no período 1923-1924, redigida pelo operário carpin-



teiro português e anarquista Marques da Costa, que se constitui em um marco na defesa dos sindicatos revolucionários contra os ataques do governo ditatorial de Artur Bernardes, dos bolchevistas do PCB e seus aliados cooperativistas ("amarelos"). A consulta àquela coluna constitui-se hoje em importante fonte de estudo histórico do movimento social da época. Além de redator da coluna de *A Pátria* no Rio, Marques da Costa foi militante do Sindicato da Construção Civil em Belém e em Manaus. Em Belém dirigiu o jornal *A Revolta* em 1919, além de *O Trabalhador*, órgão da Federação Operária do Pará, e *O Semeador*, publicação sindicalista revolucionária. No Rio de Janeiro Marques da Costa foi secretário-geral da Federação Operária do Rio de Janeiro e coordenador de seu órgão *A Voz do Povo*. Ainda no Rio fundou a revista *Renovação* e o jornal *O Trabalhador*. Preso

por haver discursado durante comício de 1º de Maio na Praça Mauá no Rio as autoridades não encontraram pretexto para deportá-lo, o que só veio a ocorrer quando de sua nova prisão após o levante de São Paulo a 5 de julho de 1924.

Ao ser formado na Biblioteca Social Fábio Luz um núcleo de pesquisa voltado para o resgate da história do anarquismo no Rio de Janeiro não pôde ser ignorada a grande contribuição de Marques da Costa à sua época. Sua importância ocorre em termos de militância e ainda em relação aos pesquisadores contemporâneos por haver registrado intensamente o que ocorria no movimento social (e anarquista, claro) no ano e meio em que sua coluna foi publicada. Assim, este Núcleo recebeu seu nome como forma de homenagear uma personagem histórica de lutador social no Rio de Janeiro. Nosso informativo, que passará a ser recebido eventualmente no interior do *Libera*, órgão da Fe-

deração Anarquista do Rio de Janeiro, também contempla as iniciais de seu nome.

Mas nossos objetivos não são apenas os de conservar, preservar ou defender a memória anarquista. Mais do que isto, pretendemos que tais materiais se tornem em um elemento vivo a apoiar as lutas do presente, estabelecendo uma continuidade entre atos, fatos e idéias do passado e do presente. Assim, além da pesquisa e do resgate, diríamos melhor, da defesa da memória anarquista nossa proposta também é a de apoiar outras organizações libertárias e/ou populares no que se refere a esta memória e implementar palestras e cursos a serem oferecidos a sindicatos, movimentos populares, universidades, etc. O Núcleo de Pesquisa Marques da Costa pode ser contatado pelo e-mail emece1924@yahoo.com.br.

Memória também é luta.

OS GRUPOS ESPECÍFICOS ANARQUISTAS NOS ANOS DO SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Um dos aspectos menos conhecidos do período quando o sindicalismo revolucionário orientava o que de mais combativo havia nas lutas sociais do Rio de Janeiro é a existência de diversos grupos especificamente anarquistas no seio das associações de classe. Estes, aglutinavam os militantes operários mais conscientizados, tanto nos sindicatos de orientação claramente anarquista, como nos sindicatos onde os libertários passaram a ser oposição às novas diretorias pelegas ou bolchevistas.

Em nossas pesquisas na *Secção Trabalhista* do jornal *A Pátria*, cujo redator era o carpinteiro José Marques da Costa, descobrimos no ano de 1923 uma intensa atividade militante e cultural dessas organizações, chamadas naquela época de “grupos de propaganda”.

O mais conhecido desses era o grupo “*Os Emancipados*”, o único que não era ligado a nenhum sindicato. Este reunia tanto “intelectuais”, como José Oiticica, Florentino de Carvalho, Fábio Luz, João Gonçalves e Carlos Dias, e operários como o barbeiro Amílcar dos Santos, o estucador Diamantino Augusto, e muitos outros. “*Os Emancipados*” tinham como principal objetivo a propaganda do anarquismo junto aos trabalhadores (o grupo publicava a revista *A Revolução Social*) e apoiar os sindicatos através de conferências.

Em maio de 1923, quando os conflitos entre anarquistas e bolchevistas se intensificavam, era fundado o *Grupo Amigos da Liberdade*, que reunia os anarquistas da “União Geral”, a associação da classe gastronômica (garçons, copeiros, cozinheiros, etc.). O órgão da agrupação era o jornal *A Verdade*.

Os sapateiros anarquistas, reunidos na Aliança dos Operários em Calçados e Classes Anexas, haviam formado a *Agrupação Libertária de Trabalhadores em Calçados do Rio de Janeiro*, cujo jornal levava o belo nome de *O Sol dos Livres*, publicado pela primeira vez em abril de 1923.

No mais forte sindicato de orientação revolucionária da Capital, a União dos Operários em Construção Civil, o grupo de propaganda foi a *Legião Amigos d'O Trabalho*, que até julho de 1922 publicava o jornal *O Trabalho*, fechado após o levante do Forte Copacabana. A agrupação foi dissolvida em 1923.

Do outro lado da Baía de Guanabara, os libertários da Liga Operária da Construção Civil reuniam-se no *Grupo de Propaganda Social de Nichteroy*, que em janeiro

de 1923 reuniu-se com o grupo “*Os Emancipados*” para intensificar e organizar a propaganda libertária nas duas capitais.

Na “Resistência dos Cocheiros”, sindicato onde os anarquistas não estavam mais a frente, havia um ativo grupo específico denominado “*Os Rebeldes*”.

Diversas outras agrupações especificamente anarquistas são citadas na *Secção Trabalhista* de Marques da Costa, como o grupo *O Despertar*, dos empregados do comércio; a *Juventude Sindicalista*; o *Núcleo Nova Era* e o *Triângulo Escarlata*. De todas essas, não sabemos mais do que os seus nomes.

Os grupos de propaganda constituíram uma importante trincheira dos libertários nos anos difíceis de crescimento do sindicalismo amarelo e dos conflitos com os bolchevistas.

O NPMC continuará resgatando a memória desta importante forma de organização dos anarquistas cariocas e fluminenses. Até breve.

Renato Ramos

